AUTORES:

José Vasconcelos-Raposo ¹

Rute Carvalho ¹

Carla Teixeira ¹

¹ Universidade de Trás-os-Montes e
Alto Douro, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.12.02.58>

Perceção de competência atlética em jovens praticantes de futebol:

Efeitos da posição ocupada
no campo, da participação
em competição, do tempo e
frequência de prática e do clima
motivacional induzido pelos pais.

PALAVRAS CHAVE:

Prática desportiva. Perceção de competência.

Atletas jovens.

RESUMO

O objetivo principal desta investigação foi estudar a perceção de competência atlética de atletas jovens, assim como o efeito de algumas variáveis, nomeadamente a idade, a posição ocupada no campo, a participação em competição, o tempo e frequência da prática e o clima motivacional induzido pelos pais. A amostra foi composta por 298 rapazes praticantes de futebol, com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos. Os instrumentos utilizados nesta investigação foram a versão portuguesa do *Parent-Initiated Motivational Climate Questionnaire-2* ⁽³⁰⁾ e a Subescala de Competência Atlética da Escala de Autoconceito e Auto-estima ⁽²⁷⁾. Os resultados obtidos revelaram que a amostra apresenta uma perceção de competência atlética positiva e os atletas que competem apresentam uma perceção de competência atlética mais elevada. Sempre que os atletas jogam na posição desejada percebem-se mais competentes, assim como quando praticam a modalidade há mais tempo e de forma mais frequente (mais treinos semanais). A perceção de competência atlética é maior sempre que o pai induz um clima motivacional de prazer na aprendizagem e não induz um clima conducente aos erros; o mesmo não acontece para a mãe que quando induz um clima conducente aos erros a perceção de competência do atleta aumenta. Não existem diferenças significativas na perceção de competência dos atletas em função da idade nem da posição que ocupam no campo.

Correspondência: José Vasconcelos Raposo. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
Escola de Ciências Humanas e Sociais. Rua Dr. Manuel Cardona, 5000-558 Vila Real, Portugal
(j.vasconcelos.raposo@gmail.com).

Perceived athletic competence
in young football players:
Effects of the position occupied in the field,
participation in competition,
time and frequency of practice
and motivational climate induced by parents.

ABSTRACT

The present research project aimed to study the perceived athletic competence of young athletes, and the effect of age, field position, competitive participation, time and frequency of practice, and the motivational climate induced by parents. The sample consisted of 298 male football players, with ages between 12 and 19 years old. The instruments used were the Portuguese version of the Parent-Initiated Motivational Climate Questionnaire-2⁽³⁰⁾ and the Athletic Competence Subscale of the Scale of Self-concept and Self-esteem⁽²⁷⁾. The results revealed levels of positive perception competence and no significant differences between athletes who compete and those who do not compete. When athletes play in the desired position they perceived themselves as more competent. Athletes who practice the sport for longer and more frequently (more trainings per week) perceived themselves more competent. Parents of athletes who practice the sport for less time do not induce a result motivational climate. The perception of athletic competence is greater when the father induces a motivational climate of pleasure in learning and does not induce a worry conducive climate; However, when mothers present a worry more conducive climate athletes seem to respond with higher levels of perceived competence. There are no significant differences in competence perception among athletes when compared by age or field position.

KEY WORDS:

Sportive practice. Competence perception. Young athletes.

INTRODUÇÃO

A prática desportiva assume, hoje em dia, um papel preponderante na vida das pessoas. Admite-se que, na sociedade contemporânea, a prática desportiva (seja ela de que ordem for) é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, a nível físico⁽¹⁸⁾, social e psicológico^(18, 30). A prática de atividade física, tanto na forma de lazer como de exercício físico, tem um importante papel na promoção da saúde e na prevenção da doença, seja ao nível da saúde mental ou física^(11, 15, 37). Para além destas razões também se sugere que as crianças se envolvam e mantenham uma prática regular ao longo dos anos de na medida em que esta se faz repercutir em ganhos ao nível do desenvolvimento cognitivo⁽²¹⁾.

É sugerido na literatura da especialidade que uma das formas para assegurar uma participação contínua que deveremos ter em atenção é a perceção de competência dos jovens⁽²⁶⁾. A perceção de competência é definida como sendo o conjunto de crenças, formadas a partir da informação recolhida e processada no meio onde os sujeitos se encontram inseridos, assim como a perceção que desenvolvem quanto às suas habilidades, através da sua participação nos domínios ou atividades em causa.

A competência, segundo Deci e Ryan⁽¹⁰⁾ e a sua teoria da autodeterminação, é uma necessidade psicológica inerente ao bem-estar psicológico dos indivíduos. A Teoria da Motivação para a Competência foi proposta por Susan Harter em 1978⁽⁸⁾ e postula que os indivíduos são motivados de forma inata para se sentirem competentes em todas as áreas da realização humana.

A perceção de competência tende a ser alta durante os anos pré-escolares e a decrescer em função da idade. Além disso, estas perceções, com o aumento da idade, tendem a se diferenciar e integrarem-se em domínios específicos⁽¹⁾. Tendo em consideração a ênfase atribuída a cada domínio, e pela escassez de estudos, assume-se como relevante o estudo da perceção de competência física de jovens que integrem estruturas formais de prática desportiva.

A relação entre perceção de competência e orientação motivacional está fundamentada na literatura^(12, 26, 29, 38). Roberts et al.⁽²⁹⁾ sugeriram que a orientação cognitiva dos jovens (para a mestria ou para o ego) tende a influenciar a perceção de competência que desenvolvem. Os indivíduos orientados para a tarefa tendem a construir a sua competência baseada em critérios auto-referenciados e estão, essencialmente, preocupados em aprender e assim melhorar os seus índices de mestria nas habilidades em causa^(12, 29). Em contrapartida, os indivíduos orientados para o ego desenvolvem as suas perceções de competência através das comparações que fazem entre si e os seus outros colegas de atividade. Assim, sentem-se competentes quando, em comparação com os outros, o seu rendimento é superior^(12, 29).

Horn e Horn⁽²⁰⁾ realçam a importância do tipo de *feedback* proporcionado por cada um dos agentes socializantes intervenientes e sugerem que o *feedback positivo*, quando proporcionado pelos pais, tende a estar associado a perceções de competência positivas, ao prazer e a níveis de motivação intrínseca positivos. De acordo com Neves e Boruchovitch⁽²⁴⁾ e Valentini⁽³⁶⁾

é importante que a criança vivencie experiências e desafios para fortalecer a sua percepção de competência e para esse efeito os pais parecem ser o elemento mais preponderante na criação de oportunidades para oferecer e consolidar na criança essas percepções.

Num estudo realizado por Almeida et al. ⁽¹⁾ em 96 crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 14 anos, foi constatado que a partir dos 11 anos os jovens apresentaram uma estabilização nas suas percepções de competência. Além disso, as crianças entre os 8 e os 10 anos de idade apresentaram níveis de percepção de competência mais elevados do que as crianças mais velhas. Estes resultados são semelhantes aos de outros estudos, que referem que nessas idades as crianças apresentam níveis de percepção de competência moderados ^(35, 38). Num outro estudo ⁽¹⁷⁾ realizado com praticantes de ténis foram encontrados elevados níveis de percepção de competência nos jovens com 12 anos de idade. Neste estudo o autor, através de uma análise de correlação, identificou uma relação positiva entre percepção de competência, orientação da motivação, confiança e formação do auto-conceito em crianças e jovens. Face a estas evidências, tem sido argumentado em prol da promoção da atividade física para os mais jovens que esta tem um efeito benéfico e estatisticamente significativo na percepção positiva de competência entre as crianças ⁽³²⁾ sendo estes ganhos mais acentuados quando essa prática é feita regularmente ⁽²³⁾. Com base nas evidências, tem sido sugerido que, sempre que possível, deve-se recorrer à prática de atividade física para promover a percepção positiva das competências e a partir destas vivências desenvolver um trabalho para generalizar a outros domínios da vida dos indivíduos. No entanto, deverá existir o cuidado de procurar identificar, antecipadamente, os tipos de atividades para as quais os jovens se sentem mais motivados, pois caso contrário as probabilidades de sucesso destas intervenções serão muito reduzidas ⁽³²⁾ e pouco generalizáveis para outros domínios da vida dos jovens em causa.

Crianças que demonstram uma elevada percepção de competência tendem a também demonstrar maior satisfação com as habilidades/ atividades em que participam ⁽⁷⁾. Ainda neste estudo foi constatado que os jovens que tinham medo de falhar no início da época eram os que apresentavam percepções de competência menores quando comparados com os que não tinham medo de falhar ⁽⁷⁾.

Ferreira, Fernandes e Vasconcelos-Raposo ⁽¹⁶⁾ estudaram a relação entre percepção de competência física, índice de massa corporal e competência efectiva em 156 jovens basquetebolistas, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Os resultados do estudo indicaram que os jovens da amostra apresentavam uma noção clara da sua percepção de competência, e que esta poderia estar associada às fontes de informação que utilizaram para julgar essa competência. Neste estudo foi constatado que os jovens entre os 10 e os 13 anos utilizaram a comparação social como fonte primordial de construção da sua competência ⁽¹⁶⁾.

As pessoas percecionam-se de formas distintas, pois têm diferentes emoções, expectativas e motivações ⁽⁴⁾, e estas características dos indivíduos, em interação com os valores

dos agentes socializadores, apresentam-se essenciais no desenvolvimento das percepções de competência ⁽¹⁾. Um clima motivacional orientado para a mestria tem sido associado a índices superiores de percepção de competência e motivação intrínseca para o desporto ^(33, 39). Um clima motivacional orientado para o resultado tende a estar associado a percepções de competências mais baixas ⁽³¹⁾. O envolvimento dos pais no desenvolvimento destas percepções facilita a predição de indicadores de divertimento, prazer na aprendizagem, percepção positiva de competência, da habilidade percebida e da motivação intrínseca ⁽³⁰⁾.

Com este estudo pretendemos identificar como as variáveis prazer na aprendizagem, clima motivacional conducente a erros, idade, estar inserido numa equipa, tempo de prática, posição de jogo, posição de jogo desejada e clima de sucesso sem esforço influenciam a percepção de competência de atletas jovens praticantes de futebol. Para o presente estudo definiram-se como objetivos específicos comparar os atletas por: a) nível de participação competitiva ; b) idade; c) clima motivacional; d) posição preferida de jogo; e) posição ocupada em campo; f) tempo de prática desportiva; g) número de treinos semanais da modalidade. Todas as comparações foram feitas em função da percepção das competências por parte dos atletas.

METODOLOGIA

AMOSTRA

A amostra do estudo foi constituída por 300 sujeitos praticantes de futebol, do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos (média de 13.7 anos). No que se refere ao envolvimento em prática desportiva, 56% dos elementos da amostra participa regularmente em competição, enquanto os restantes praticam a modalidade sem a componente da competição, ou seja, frequentam uma escola de futebol. Quanto ao tempo, 59.7% dos indivíduos pratica a modalidade há mais de três anos, 28.2% entre um e três anos e 12.1% dos atletas pratica a modalidade há menos de um ano. Mais de metade da amostra tem 2 treinos semanais (58.4%), 30.6% praticam a modalidade três vezes por semana, 7% pratica quatro vezes, 2.3% tem cinco treinos e 1.7% (5 sujeitos) têm um treino por semana.

No que se refere a posições de jogo, a maioria dos jovens joga na posição de médio (34.9% da amostra) e de defesa (29.9% da amostra). No entanto, quando se analisa a posição desejada, os valores alteram-se, isto é, 40.3% dos atletas gostariam de jogar na posição de médio e 26.2% na posição de avançado, enquanto a posição de defesa conta apenas com 22.5%. Apenas dois guarda-redes não jogam na posição desejada. Quanto à frequência escolar dos atletas, verificou-se que 55.4% dos inquiridos estuda no 3º ciclo do ensino básico, 24.5% encontra-se no 2º ciclo e 20.1% no secundário. Destes, apenas 14.4% já tiveram reprovações escolares, sendo que 29 indivíduos já reprovaram uma vez, 13 já reprovaram duas e apenas um atleta afirmou já ter reprovado três vezes.

INSTRUMENTOS

Foi apresentado um questionário demográfico para recolher alguns dados dos atletas, nomeadamente a idade, o número de treinos semanais, a participação ou não em competições, o tempo de prática da modalidade, as reprovações escolares, a posição a que jogam e a posição desejada.

Além do questionário demográfico foi aplicada a Subescala de Competência Atlética da Escala de Autoconceito e Auto-Estima ⁽²⁷⁾ para avaliar a percepção de competência atlética dos elementos da amostra. Foi ainda utilizado a versão portuguesa do *Parent-Initiated Motivational Climate Questionnaire* – 2 ⁽³⁰⁾ para avaliar o clima motivacional induzido por pai e mãe. Este inventário apresenta três factores, num conjunto de 36 itens (18 referentes ao pai e 18 referentes à mãe), que se referem a um clima motivacional de mestria designado por Prazer na Aprendizagem (PA_{pai} e $PA_{mãe}$) e a um clima motivacional de resultado com duas dimensões, nomeadamente o Clima Conducente aos Erros (CE_{pai} e $CE_{mãe}$) e o Sucesso Sem Esforço (SSE_{pai} e $SSE_{mãe}$).

PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

Para responder à questão que serve de objetivo para este estudo recorreremos a uma análise de regressão múltipla. Para o efeito verificámos que existia uma distribuição normal ao nível de todas as variáveis preditoras em que os valores de *skewness* se distribuíram entre $-.970$ e $.425$ e os de *kurtosis* entre $-.925$ e $.718$. Não se verificaram *outliers*, e as correlações entre as variáveis apresentaram-se abaixo de $.500$ com a exceção de PA_{pai} e $PA_{mãe}$ para as quais se verificou um $r = .775$ e CE_{pai} e $CE_{mãe}$ com um $r = .818$. Todas as restantes apresentaram valores de r inferiores a $.502$. De modo a ultrapassar questões associadas à multicolinearidade, procedemos ao cálculo das médias dos valores em que as correlações foram superiores a $.700$ e que receberam a designação de PA_{comb} e CE_{comb} respetivamente. Foi ainda considerado relevante comparar os efeitos dos climas motivacionais induzidos por pais e mães face às percepções de competência dos jovens.

De acordo com as recomendações de Tabachnick e Fidel ⁽³⁴⁾, o tamanho da amostra necessário para este procedimento seria de 106, porém os cálculos foram feitos com base numa constituída por 298 indivíduos.

RESULTADOS

No presente estudo recorreremos à análise de regressão múltipla, utilizando os procedimentos da *stepwise*, para responder à questão de como é que as variáveis prazer na aprendizagem, clima motivacional conducente a erros, idade, estar inserido numa equipa, tempo de prática, posição de jogo, posição de jogo desejada, clima de sucesso influenciam a percepção de competência em jovens praticantes de futebol. Com a realização dos cálculos

verificou-se que a média da percepção de competência atlética da amostra é de 2.77. A média da idade foi de 13.7 anos, enquanto a variável prazer na aprendizagem apresentou uma média de 8.49, a variável clima conducente a erros 4.91, e a variável sucesso sem esforço apresentou 4.84 de média.

QUADRO 1 — MANOVA: testes univariados dos efeitos das variáveis independentes na percepção de competência atlética.

VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIÁVEIS INDEPENDENTES	p	η^2	PODER OBSERVADO
Percepção de competência atlética	Tempo de prática	.010	.023	.735
	Posição desejada	.006	.026	.784

Realizou-se uma regressão linear múltipla, utilizando o método *stepwise*, com o propósito de se analisar os efeitos do clima motivacional induzido pelos pais na percepção de competência atlética da amostra e, ainda, saber qual o sentido dos efeitos das restantes variáveis. Os resultados da regressão múltipla produziram um valor de $R_{\text{múltiplo}} = .338$ a que corresponde um de $R^2 = .114$. O efeito combinado moderado baixo destas variáveis permite explicar 10.5% da variância das percepções de competência. O coeficiente de regressão para a variável prazer na aprendizagem foi de $\beta = .135$ (95% CI = .074 – .196); para a idade foi de $\beta = .075$ (95% CI = .036 – .114); e na variável clima conducente ao erro obteve-se um $\beta = -.51$ (95% CI = -.089 – -.014) Tendo em consideração que os limites dos índices de confiança para as variáveis prazer na aprendizagem e idade não apresentaram valores negativos, poderemos inferir que ambas contribuem positivamente para a percepção de competência. Já o mesmo não se verificou relativamente à variável clima conducente ao erro, uma vez que neste caso ambos os valores do intervalo são negativos e, por isso mesmo, sempre que o valor nesta variável aumenta, os índices de percepção de competência diminuem e vice-versa. Face aos valores obtidos poderemos afirmar que estas variáveis, em conjunto, representaram um efeito pequeno a moderado na percepção na competência atlética.

Quando os cálculos foram feitos sem eliminar as variáveis com correlações entre si superiores a .600 obtiveram-se os seguintes valores: a variável prazer na aprendizagem induzido pelos pais (PA_{pai}) explica 3.1% da variância da percepção de competência atlética e esta é maior sempre que é induzido mais prazer na aprendizagem por parte dos pais ($\beta = 0.244$; $p = .001$). A variável PA_{pai} combinada com o clima conducente aos erros induzido pelo pai (CE_{pai}) explica 8.5% da variância da percepção de competência atlética, enquanto o

PA_{pai} , o CE_{pai} e o clima conducente aos erros induzido pela mãe ($CE_{mãe}$), em conjunto, explicaram 10.4% da variância da percepção de competência atlética da amostra. Verificou-se ainda que a competência atlética foi maior sempre que o CE_{pai} foi menor, não se verificando, contudo, o mesmo para a mãe (CE_{pai} : $\beta = -.257$, $p = .009$; $CE_{mãe}$: $\beta = .153$, $p = .013$).

Verificou-se que a participação em competição explica 2.7% da variância da percepção da competência atlética e os atletas que participam em competição percebem-se mais competentes do que os que não participam ($\beta = .220$; $p = .005$). A participação em competição, em conjunto com a posição desejada, explica 5% da variância da percepção de competência atlética, sendo que o atleta se percebe mais competente sempre que joga na posição desejada ($\beta = .274$; $p = .008$). O tempo de prática da modalidade explica 2.9% da variância da competência atlética, verificando-se que esta é maior se os atletas praticarem a modalidade há mais tempo ($\beta = -.161$; $p = .003$). Finalmente, verificou-se que 4.3% da percepção de competência atlética é explicada pela combinação do tempo de prática da modalidade e do número de treinos semanais, e que é maior, também, se o atleta praticar mais vezes ($\beta = .106$; $p = .038$).

Estes resultados demonstram uma percepção de competência atlética positiva, uma vez que o valor da média é mais alta do que o valor médio da escala ⁽²⁾.

Os resultados da MANOVA indicam que o tempo de prática da modalidade tem um efeito na percepção de competência atlética ao nível de $p = 0.010$, com poder de certeza de 73.5%, explicando, contudo, apenas 2.3% da sua variância. A posição desejada apresentou dados que indicam que explica apenas 2.6% da percepção de competência atlética da amostra, com um poder de certeza de 78.4%, com $p = 0.006$.

QUADRO 2 — Regressão linear: Efeito do clima motivacional induzido pelos pais, da participação em competição, da posição, do tempo de prática da modalidade e do número de treinos semanais na percepção competência atlética da amostra.

VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIÁVEIS INDEPENDENTES	p	η^2	PODER OBSERVADO
Competência atlética	PA _{pai}	.049	.000	.244 (p < .001)
	PA _{pai}	.085	.000	.213 (p = .001)
	CE _{pai}			-.127 (p = .001)
	PA _{pai}	.104	.000	.222 (p < .001)
	CE _{pai}			-.257 (p < .001)
	CE _{mãe}			.153 (p = .013)
	Competição	.027	.005	.220 (p = .005)
	Competição	.050	.001	.207 (p = .007)
	Posição desejada			.274 (p = .008)
	Tempo de prática	.029	.003	.161 (p = .003)
	Tempo de prática	.043	.002	.147 (p = .008)
	Número de treinos			.106 (p = .038)

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Da análise de regressão múltipla realizada constatamos que as variáveis estudadas se manifestaram relevantes de forma diferenciada para o desenvolvimento das percepções de competência atlética. No entanto, apenas três se apresentaram relevantes para a construção de um modelo explicativo: prazer na aprendizagem, idade, e clima conducente aos erros. A regressão múltipla foi realizada de duas formas, a primeira seguindo as recomendações quanto às questões da multicolinearidade e a segunda tomando em consideração os argumentos que sugerem que não é um mal maior a integração de todas as variáveis nos cálculos, mesmo que com correlações elevadas entre algumas das delas ⁽⁹⁾.

No caso do presente estudo, os resultados obtidos com as duas aplicações foram particularmente semelhantes e evidenciaram que a percepção de competência atlética nesta amostra foi positiva. No entanto, para propósitos de comparação com os resultados de outros estudos e assumindo que verificamos diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis PA_{pai} e PA_{mãe}, (t = -2.753, p = .006, 95% IC= .118 – -.020) , assim como entre CE_{pai} e CE_{mãe} (t= -2.181, p. = .030, 95%IC= -.148 – -.007), consideramos ser teoricamente enriquecedor fazer uma discussão com base nas diferenças entre pais e mães.

Os resultados do estudo demonstraram algumas diferenças na percepção de competência atlética dos jovens mediante o clima motivacional que era induzido pelos pais. Verificou-se que a percepção de competência atlética é maior sempre que o pai induz um clima motivacional que enfatiza o prazer na aprendizagem e quando não induz um clima conducente aos erros. O mesmo não acontece para a mãe, que aumenta a percepção de competência do atleta se induzir um clima motivacional conducente aos erros. Em estudos realizados por Gutiérrez e Escartí⁽¹⁹⁾ e Moraes, Rabelo e Salmela⁽²²⁾ concluiu-se que as mães são menos influentes do que os pais na vida desportiva dos filhos, o que pode justificar o incremento da percepção de competência atlética do jovem mediante um clima motivacional conducente aos erros induzido pela mãe, assumindo que o clima motivacional induzido pela mãe não é tão importante como aquele que é induzido pelo pai e, por isso, o facto de o atleta estar sujeito a um clima de resultado por parte da mãe e a um clima de mestria induzido pelo pai, não irá afetar a sua percepção de competência atlética, ou seja, neste caso, esta manter-se-á elevada.

Eccles e Harold⁽¹⁴⁾ referem que sempre que os pais valorizam as habilidades desportivas dos filhos estes se percebem mais competentes. Tal como no nosso estudo, sempre que o pai enfatiza o prazer na aprendizagem, deixando de parte a comparação com os outros e valorizando os progressos individuais em detrimento do “ganhar ou perder”, os seus filhos percebem-se mais competentes fisicamente. Os nossos resultados corroboram outros estudos que verificaram que um clima motivacional de mestria aumenta a percepção de competência dos atletas^(25, 33, 40), contudo apenas podemos considerar estes resultados para o pai.

Os resultados que obtivemos para a mãe contrariam a literatura^(12, 29) onde é referido que uma orientação para o ego aumenta as baixas percepções de sucesso, de competência e de esforço e, no nosso estudo, o clima motivacional de resultado (conducente aos erros) induzido pela mãe aumenta a percepção de competência.

A análise dos resultados não permitiu retirar ilações quanto às diferenças na percepção de competência em função da idade nem quanto às diferenças em função da posição ocupada no campo. Estes resultados contrariam os estudos revistos, que sugerem que a percepção de competência tende a decrescer em função da idade^(1, 5, 35 38) e outros que apontam para um aumento da percepção de competência em atletas mais velhos⁽²⁸⁾. Quanto à posição ocupada no campo, não podemos comparar com a literatura porque, de nosso conhecimento, não existem estudos que tenham utilizado essa variável, sendo, por isso, necessário explorar esta relação em investigações futuras.

Assim, pode conjecturar-se que os atletas da nossa amostra estão motivados para a modalidade que praticam e mais incentivados para agir^(2, 38) e, além disso, incorrem num risco menor de adoptarem hábitos sedentários⁽³⁾. Podemos ainda presumir que os atletas da nossa amostra têm melhor comportamento, *performance* e reacções afectivas mais positivas no contexto desportivo⁽¹³⁾. Tendo em conta os resultados obtidos para os níveis de percepção de competência podemos, ainda, assumir que a nossa amostra não está em risco de abandonar a modalidade⁽⁶⁾.

Os atletas que competem apresentam valores de percepção de competência atlética ligeiramente mais elevados. De nosso conhecimento, não há autores que tenham investigado estas diferenças e, por isso, seria relevante procurar explorar estas diferenças em investigações futuras.

As principais conclusões deste estudo são, então:

- Os atletas que competem percebem-se mais competentes do que aqueles que não competem;
- Os atletas percebem-se mais competentes fisicamente se jogarem na posição desejada;
- Os atletas que praticam a modalidade há mais tempo percebem-se mais competentes;
- Atletas que têm maior número de treinos semanais percebem-se mais competentes fisicamente;
- A percepção de competência do atleta é maior quando o pai induz um clima motivacional de mestria e não induz um clima motivacional de resultado;
- Os atletas percebem-se mais competentes quando a mãe induz um clima motivacional de resultado.
- Não existem diferenças na percepção de competência em função da idade dos atletas nem da posição que ocupam no campo.

1. Almeida G, Valentini N, Berleze A (2009). Percepções de competência: Um estudo em crianças e adolescentes do ensino fundamental. *Movimento*, 15 (1): 71-97.
2. Bandura A (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
3. Biddle S, Hagger M, Chatzisarantis N, Lippke S (2007). Theoretical frameworks in exercise psychology. In: Tenenbaum G, Eklund R (eds.), *Handbook of Sport Psychology* (3rd edition). New Jersey: John Wiley & Sons, 537-559.
4. Brandão M, Morgado F, Machado A, Almeida P (2008). O futebol e o seu significado. *Motriz*, 14 (3): 233-240.
5. Butler R (2005). Competence assessment, Competence, and Motivation between Early and Middle Childhood. In: Elliot A, Dweck C (eds.), *Handbook of competence and motivation*. New York: Guilford Press, 202-221.
6. Cervelló E, Escartí A, Guzmán J (2007). Youth dropout from the achievement goal theory. *Psicothema*, 19 (1): 65-71.
7. Conroy D, Coatsworth J, Fifer A (2005). Motivation cognition and sport: Testing dynamic relations between perceived competence and fear of failure in young athletes. *Revue Européenne de Psychologie Appliquée*, 55: 99-110.
8. Cox R (1994). *Sport psychology: Concept and applications* (3rd ed.). Madison: Brown & Benchmark Publishing.
9. Dancey C, Reidy J (2011). *Statistics without maths for psychology* (5th ed.). Harlow, UK: Prentice Hall.
10. Deci E, Ryan R (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.
11. Dias C, Corte-Real N, Corredeira R, Barreiros A, Bastos T, Fonseca A (2008). A prática desportiva dos estudantes universitários e suas relações com as autopercepções físicas, bem-estar subjectivo e felicidade. *Estudos de Psicologia*, 13 (3): 223-232.
12. Duda J (2005). Motivation in sport: The relevance of competence and achievement goals. In: Elliot A, Dweck C (eds.), *Handbook of competence and motivation*. New York: Guilford Press, 318-335.
13. Ebbeck V, Weiss M (1998). Determinants of Children's Self-Esteem: An Examination of Perceived Competence and Affect in Sport. *Pediatric Exercise Science*, 10 (3): 285-298.
14. Eccles J, Harold R (1991). Gender differences in sport involvement: Applying the Eccles expectancy-value model. *Journal of Applied Sport Psychology*, 3: 7-35.
15. Fernandes HM, Vasconcelos-Raposo J, Pereira E, Oliveira S (2009). A influência da atividade física na saúde mental positiva de idosos. *Motricidade*, 5 (1): 33-50.
16. Ferreira S, Fernandes H, Vasconcelos-Raposo J (2007). A relação entre a percepção de competência física, índice de massa corporal e competência efectiva em jovens praticantes de basquetebol. *Motricidade*, 3 (3): 57-72.
17. Figueiredo E (2009). *Percepção de competência pessoal de tenistas*. Tese de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
18. Gomes A (1997). Aspectos psicológicos da iniciação e formação desportiva: O papel dos pais. In: Cruz JF, Gomes A (eds.), *I Encontro Internacional de Psicologia Aplicada ao Desporto e à Actividade Física*. Braga: Universidade do Minho, 291-319.
19. Gutiérrez M, Escartí A (2006). Influencia de padres y profesores sobre las orientaciones de metas de los adolescentes y su motivación intrínseca en educación física. *Revista de Psicología del Deporte*, 15 (1): 23-45.
20. Horn T, Horn J (2007). Family influences on children's sport and physical activity participation, behavior, and psychosocial responses. In: Tenenbaum G, Eklund R (eds.), *Handbook of Sport Psychology* (3d edition). New Jersey: John Wiley & Sons, 685-711.
21. McMorris T, Tomporowski PD, Audiffren M (2009). *Exercise and cognition function*. Oxford: John Wiley & Sons.
22. Moraes L, Rabelo A, Salmela J (2004). Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (2): 211-222.
23. Moreno J, Cervelló E (2005). Physical self-perception in Spanish adolescents: Effects of gender and

involvement in physical activity. *Journal of Human Movement Studies*, 48: 291-311.

24. Neves E, Boruchovitch E (2004). A motivação de alunos no contexto da progressão continuada. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (1): 77-85.

25. Ntoumanis N, Biddle S (1999). A review of motivational climate in physical activity. *Journal of Sports Sciences*, 17: 643-645.

26. Papaioannou A, Bebetos E, Theodorakis Y, Christodoulidis T, Kouli O (2006). Causal relationships of sport and exercise involvement with goal orientations, perceived competence and intrinsic motivation in physical education: a longitudinal study. *Journal of Sport Sciences*, 24 (4): 367-382.

27. Peixoto F, Almeida L (1999). Escala de autoconceito e auto-estima. In: Soares A, Araújo S, Caires S (orgs), *Avaliação Psicológica: Formas e contextos* (Vol. VI). Braga: APPORT, 632-640.

28. Piffero C (2007). *Habilidades motoras fundamentais e especializadas, aplicação de habilidades no jogo e percepção de competência de crianças em situações de risco: A influência de um programa de iniciação ao tênis*. Dissertação de Pós-Graduação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

29. Roberts G, Treasure D, Conroy D (2007). Understanding the dynamics of motivation in sport and physical activity. In: Tenenbaum G, Eklund R (eds.), *Handbook of Sport Psychology* (3rd edition). New Jersey: John Wiley & Sons, 3-30.

30. Santana P, Figueiras T, Dias C, Corte-Real N, Brustad R, Fonseca AM (2010). Propriedades psicométricas e estrutura factorial da versão portuguesa do Parent-Initiated Motivational Climate Questionnaire- 2 (PIMCQ-2p). *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 10 (2): 47-61.

31. Souza M (2006). *Relação entre orientação de metas, percepção do contexto motivacional e percepção de competência física de crianças praticantes de esporte*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

32. Stein C, Fisher L, Berkey C, Colditz G (2007). Adolescent physical activity and perceived competence: Does change in activity level impact self-perception? *Journal of Adolescent Health*, 40: 462.e1-462.e8.

33. Stuntz C, Weiss M (2009). Achievement goal orientations and motivational outcomes in youth sport: The role of social orientations. *Psychology of Sport & Exercise*, 10: 255-262.

34. Tabachnick BG, Fidel LS (2007). *Using multivariate statistics* (5th ed). Boston: Pearson/ Allyn & Bacon.

35. Valentini N (2002). A influência de uma intervenção motora no desempenho motor e na percepção de competência de crianças com atrasos motores. *Revista Paulista de Educação Física*, 16 (1): 61-75.

36. Valentini N (2006). Competência e autonomia: Desafios para a Educação Física Escolar. *Revista Brasileira de Educação Física do Esporte*, 20: 185-187.

37. Vasconcelos-Raposo J, Fernandes HM, Mano M, Martins E (2009). A relação entre exercício físico, depressão, e índice de massa corporal. *Motricidade*, 5 (1): 21-32.

38. Villwock G (2005). *O estudo desenvolvimentalista da percepção de competência atlética, da orientação motivacional, da competência motora e suas relações em crianças de escolas públicas*. Tese de mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

39. Williams L, Gill D (1995). The role of perceived competence in the motivation of physical activity. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 17: 363-378.